



REF. P. 2943

332 A. 26.

Obra eruditiſſima linguista
S. M. P.

Negretti Pussalla

BRINDE

à menagem

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

de

DIARIO DE NOTICIAS

Caetano de Ligeiros

Coimbra,

29 de janeiro, 1871.

BRINDE AOS SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

PARIETARIAS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

SEXTO BRINDE

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1870



OBRAS DO AUTOR :

QUAEROS CAMBIANTES

Poesias — 1 vol.

PIRILAMPOS

Prosas — 1 vol.

GENERALISAÇÃO DA HISTORIA DO DIREITO ROMANO

1 brox.

TASSO

Poema — 1 vol.

UM ANJO MARTYR

Poemeto — 1 brox.

PARIETARIAS

Poesias — 1 vol.

Ha uma planta que não cresce entre as galas dos jardins, nem lança raizes em terreno culto. É a parietaria.

Procurando a solidão, coxendo-se com as ruínas, e erguendo os braços para a luz, a parietaria evita a companhia das demais plantas. e abraça os destroços de algum castello roqueiro, ou de alguma abandonada ermida.

O tédio, o desalento e a misanthropia, que não se casam bem com aspirações desmedidas, imprimiram n'este livro a feição humilde da parietaria obscura.

Coimbra, 1870, 5 de outubro.

C. de F.

DEDICATORIA

Quando á tarde o perfume d'estas varzeas
com o fumo do albergue se alevanta
ao céu tranquillo; quando as auras tepidas
baloçam languidas a molle acacia,
e quando o sol desmaia no occidente
e canticos resaltam das balseiras:
debruço-me á janella a ver ao longe
as palhetas doiradas que o céu franjam;
e bebo, a longos haustos, o perfume
que me banha e que vem, mas não sei donde,
na corrente das auras vespertinas.

E o céu é vasto mar! as nuvens de oiro
são ondas vaporosas que me levam
por ignorados mundos de harmonia!
E quando eu assim vou, — ligeira penna
boiando á flôr d'um lago desmedido, —
oiço harmonias que aprendi no berço,
e curvo-me no abysmo do passado
a escutar cada nota d'esse harpejo
que me embalou infante! — notas soltas
d'um cantico celeste, mas tão triste
como um lamento de feral agoiro.

Quem diz o que é saudade? N'essas horas
 em que, avoejando a alturas mal sonhadas,
 corro de polo a polo o espaço e o tempo,
 escuto embevecido o harpejo ignoto,
 e vejo perpassar ante meus olhos
 a doida valsa de ligeiros silfos;
 passam gnomos; agitam-se grinaldas;
 estrellas tremeluzem; deslumbrantes
 joias das sete côres se dispersam
 por tapetes e flácidos triclinios;
 cambiantes de luz levam os olhos
 presos ao voltear de brancas silfides!
 E, inundado de luz e de harmonia,
 eu sinto um vacuo immenso! — estendo a vista,
 e assoma a tua imagem melancolica
 a dizer-me d'além: « Meu canto é triste,
 porque é triste a saudade! se não podes
 encravar essa roda que te esmaga,
 solta um gemido! eu gemerei contigo! »

Levanto a voz, e ao teu saudoso harpejo
 eu vou juntar então meus tristes cantos.

Porque não? — A alvorada que assurgia,
 aureolando de rosas minha fronte,
 escutou-me os preludios matutinos,
 e ha de escutar-me os cantos magoados.

.....

 Desalentado no arraiar da vida,
 disparo a vista pelo mundo em fora,
 e os crepes se me estendem sobre as flores
 que matizavam minhas doces varzeas!
 Dizem que a mocidade é sempre alegre!

Talvez! E que tem lá que eu seja moço?
 Talvez! Antecipou-se a minha tarde!
 Fatal entardecer! — Apalpo o mundo,
 e já lhe sinto as pustulas que o roem;
 mas, d'entre a ingrata podridão levanta-se
 immaculado o archanjo da poesia!
 — Sacode as azas brancas, e esvoaça
 por cima dos marneis! cae-lhe dos olhos
 sentido pranto sobre o terreo lodo!
 com a dextra nevada aponta os astros,
 e na outra mão segura uma corôa,
 — a corôa do genio — entretecida
 de espinhos, de martyrios e saudades!

.....

Vaes escutar-me pois! Mas, se entre os cantos
 resvalar uma lagrima furtiva,
 pára, e remira o rosto nessa lagrima
 por mim vertida ao lembrar teu nome!

Depois, fecha o meu livro, e estende os olhos
 á nuvem do poente que se estira
 pelas orlas do céu, ao fim da tarde!
 Estende! — nessa hora, os meus olhares
 hão de encontrar os teus no mesmo ponto!
 E desça embora a noite! — é somno doce
 o dormido nos braços da saudade!
 — reponta a lua, e a sombra do passado
 vem apertar-nos em abraço estreito,
 dormindo-se comnosco! Eu vos bemdigo,
 brancas visões que me enlevais a mente
 ao fim do dia, ás horas da saudade!

HARPA NOCTURNA

És bella assim ! No levante
vem a lua a despontar ;
beija-te a aragem fragrante,
e illumina-te o luar !

Agitam-se as verdes frondes
do murmuro laranjal,
onde a revezes escondes
essa belleza ideal !

Andam no ar uns arpejos
que, d'onde veem, não sei eu !
são talvez loucos desejos
de quem para amar nasceu !

— Tu não sabes os segredos
que n'estas noites de amor
vão por esses arvoredos,
onde quer que a aragem for !—

A lua vê sua imagem
no teu seio de marfim,
e envolve-te na roupagem
d'uma fada... És bella assim !

Tu és bella como a ondina
vestida de espuma e luz!
como a estatua alabastrina
que o genio da arte traduz!

como as creações formosas
que Deus ao seu lado quiz!
como as visões radiosas
dos meus sonhos mais febris!

Mas quem poderá dizer-me
que não és uma visão?
que a tua branca epiderme
e os teus olhos algo são?

Perdôa! Eu tenho sonhado,
por noites de amor sem fim,
que vejo e sinto ao meu lado
as faces d'um cherubim;

e, quando a aurora reponta,
doirando-me as solidões,
sempre essa visão remonta
a ignoradas regiões!

Eu tenho sonhado tanto
que, mesmo aqui aos teus pés,
os meus olhos não levanto
sem duvidar de quem és!

Mas tu não serás um sonho
que a aurora vem desfazer!
as crenças que em ti deponho
jâmais no pó hei de ver!

E dize-me : pois não ha de,
ao fim de tanto sonhar,
descer-me a luz da verdade
n'um raio do teu olhar ?...

Se descerá! Tantas graças
me enleiam o coração,
que os braços com que me abraças
não sei se existem, se não !

Se não existem, se mente
o encanto que me seduz,
se os braços que eu beijo ardente
são braços da minha cruz...

se um teu intimo suspiro
foi aragem que passou ;
se apenas sônho e deliro ;
se atraz da miragem vou...

deixa-me andar vagueando
atrás d'um phantasma vão ;
eu quero viver, sonhando
contigo, doce visão !

Se nos montes do oriente
a madrugada apontar,
embala-me eternamente,
não me deixes acordar...

VELUT UMBRA

Eu erá moço, e amei! Á luz d'um novo dia
alegre palpitou meu virgem coração;
uniu-me ao casto seio o archanjo da harmonia!
senti banhar-me a fronte o sol da inspiração!

Cantei e idolatrei a luz fascinadora
que cega e que allumia,—o amor, o doido amor,
maná que alenta e anima, e fogo que devora,
fonte de almo prazer, manancial de dôr!

Quando me do céu veiu a luz mysteriosa,
abri-lhe os braços meus, o peito meu lhe abri!
o céu á terra baixa, e a vista radiosa
entorna sobre mim celestial hurí!

E prestes alongando os olhos ao futuro,
não vi senão prazer e festa e amor e luz!
E o céu era tão lindo! e o sol era tão puro!
Mais um momento, e... nada! um tumulo e uma cruz!

1867.

A ALGUEM

Não creio no teu perfido sorrir,
nem creio no dulçor do teu falar!
Embalde me procuras seduzir:
não me seduz, mulher, teu brando olhar!

Vozes mais francas poderia ouvir
quem dos antros do vicio fosse dar!
Ó amor, a chamma que tu crês sentir,
é como o fumo que se esvae no ar!

E eu sinto um coração! emquanto for
vivendo vida escura, eu hei de crer
na luz que me enche o seio de esplendor!

Eu creio, sim! a Providencia quer
que o amor floreje; mas, se existe o amor,
não existe n'um peito de mulher!

1870.

ALVORADA

Nem agora sorris? O triste inverno
levou consigo gelos e neblinas;
e um raio d'essa luz do dia eterno
beija o seio fecundo das campinas!

Cornucopias de flores
decoram a esplendente primavera!
Tudo o que sente, — o homem como a fera, —
sente no peito o fogo dos amores!

Porque não amas tu? Se te pergunto
o caminho que leva aos teus retiros;
se bem reparo n'esse teu conjuncto
de perfeições ideaes;
porque respondes sempre com suspiros
que me endoidecem mais?

Oh! não sepultes coração tão vasto
no pó d'uma tristeza prematura!

Já não crês na ventura?
Eu que, sem ti, chorosa vida arrasto,
posso mostrar-te onde a ventura existe!
Não quero ver-te solitaria e triste,
ermo de jubilos teu seio casto!

Lá baixo as alamedas
enramam-se e entrecruzam-se virentes;
e as avesitas, pipitando ledas,
celebram seus amores innocentes!

Avistam-se triclinios de verdura;
cascatas alvejando;
e o doido e alegre bando
de esquivas borboletas, que procura
nos nectarios da flor
a ambrosia do amor!

Escuta o que te diz
o anjo do amor, que véla a mocidade:
deixa á velhice o pranto e a soledade,
ama, e serás feliz!

1870.

COROA DE CECENS

Eu amo a virgem tímida,
de olhos no chão pregados,
que, aos ais enamorados
do rouxinol suavíssimo,
suspira, e vêla o rosto
acceso em rubra côr.
E como eu sinto gosto
de vel-a melancolica,
se a aura travessa e tepida
ás horas do sol-posto
lhe vem falar de amor!

Não tremas, não! escuta-me:
o sol, quando dardeja
fogo de amor, e beija
a flôr que lhe abre o calice,
deixa-lhe alento e vida,
mas não lhe rouba a côr;
e quando a luz querida,
á vinda do crepusculo,
se esvae, a rosa languida,
em seu hastil pendida,
almeja sol e amor!

É como o sol o amor, que férvido se aninha
no seio do poeta! amor mais puro e santo
que as luzes da alvorada e os trilos da avesinha!

Vem sentar-te a meu lado! has de escutar meu canto;
has de palpar meu seio, e ver que os meus cantares
rompem d'um seio igual ao com que sonho ha tanto!

Não tremas! ergue a fronte! entorna os teus olhares
sobre quem ergue a vista á luz que o céu lhe envia!
que ri, se te vê rir; que chora, se chorares!

Enlaça-te ao meu collo! o olhar que me extasia
ha de velar-me a vida! e quando nos ergamos
lá onde a mão de Deus espalha o eterno dia,
hemos entrar no céu, como no mundo entramos.

Março de 1868.

A HESPANHA LIVRE

(A D. BENIGNO JOAQUIN MARTINEZ)

Voilà l'homme rouge qui passe!

V. H.

A mão, que terra e mar e céu governa
dês que existe a verdade, tinha escripto
no eterno livro da verdade eterna
— que havia ser liberto o povo afflicto
que gemia entre ferros... Chega a hora!
a luz inunda a Europa, corre, lavra;
na Hespanha faz-se ouvir uma palavra
que fala de resgate!... Rompe a aurora
da redempção bemdita; e a treva espessa
deixa logar á vida, á luz, á ideia!
espedaçam-se os êlos da cadeia!
è-se livre! levanta-se a cabeça
ao sol que no tugurio e na cidade
espalha a santa luz da liberdade!

Olhae-o! fronte curva, de olhos torvos,
lá foge, procurando a solidão,
o phantasma da morte e da oppressão!
Vão-lhe no rasto sanguinosos corvos,
que cheira a sangue o lugubre phantasma...
Leva na fronte o estigma do carrasco;
nos hombros o machado fratricida;
entre os braços o canhamo que á vida
roubou da Hespanha predilectos filhos;

esconde-se á verdade que o condemna
e á luz que o cega; os olhos inquietos
fulguram como os da captiva hyena!
Vestes, da côr do sangue... Quantas victimas
não deixaram cair sobre essas vestes
o sangue que jorrava do patibulo
que era ali o banquete de Thiestes!

Era a idade de ferro! — Os phariseus,
curvados nos degraus do sanctuario,
não mostravam aos homens o sudario
de quem vinha espalhar a voz de Deus!
Dos vampiros a tetrica phalange
escavava o sepulchro d'esse povo;
e o crente que buscava um dia novo
sempre encontrava de Mahomet o alfange!...

Nas escalvadas rochas das Asturias
a sombra de Pelaio suspirava,
por ver immersa em trevas, triste, escrava,
essa raça de heroes! A Andaluzia
voltava as costas ao dragão da sombra,
e co'as ondas azues do mar gemia!

Eras um circo immenso, ó velha Hespanha!
D'um lado os Alpes; d'outro lado a Estrella;
ao sul, do Calpe a inhospita montanha;
ao norte os Pyrenéos..., eras o curso
em que o genio das trevas lacerava
os filhos d'esta luz que a todos banha!
e, d'aquellas barreiras sobre o dorso,
Portugal, França e Italia te espreitava!
Um dia rebentou vulcão estranho;
e, abrindo os Pyrenéos, a Estrella e os Alpes,

deixou entrar um esplendor tamanho,
que a Hespanha foi um mar de luz e gloria,
de Santander a Cádiz e Alcolêa,
onde um povo algemado se despeia,
e Spartaco ergue os hymnos da victoria!

Valles de Andaluzia e de Aragão,
doces margens do Bétis, alastrae-vos
de verdura e de flôres; o aquilão
já vos levou os repellentes laivos
que o sangue de innocentes vos deixára!
e a luz da liberdade que vos banha
foi a piscina que lavou a Hespanha
da culpa original que a maculara...

Filhas do Manzanar, tecei coroas
aos valentes da patria, aos filhos d'ella!
Rasgaram-vos as nuvens da procella
que inda obumbrava o céu peninsular;
arrancaram do solo a mancenilha
que a luz roubava ás flôres d'essas vargens;
e a sombra que se fôra levantar
sob esse céu que de continuo brilha,
do Manzanar nas viridentes margens,
fugiu diante do esplendor celeste
que a liberdade sobredoiira e veste!

Eil-as em terra as táboas dos patibulos!
Irmãos a irmãos se abraçam! Nova estrella
assoma além nos visos da montanha...
É vossa a luz, é vossa a gloria, ó bravos!
longe, bem longe os ferros dos escravos!
avante! eis o caminho! Avante, Hespanha!

1869.

DEVANEIO

Quando se enrosca languido
ao murmuro pinheiro
o abraço derradeiro
do sol que se vae pôr,
é que no céu esplendido
da minha phantasia
se rasga claro dia,
á luz de eterno amor.

Abre-se o tabernaculo
da crença mais sagrada ;
surge visão doirada
sobre florido altar ;
e, em fervorosos extases,
adoro essa miragem,
e aos pés da santa imagem
a fronte vou curvar !

A aragem do crepusculo
perfuma o santuario,
e aspiro solitario
o aroma da soidão !
parece que os arbusculos
e as flores á porfia

reservam todo o dia
aromas para então !

E o sol expede tibio
os raios derradeiros ;
soltam entre os salgueiros
a voz os rouxinoes ;
estranha luz suavissima
a terra e o céu transcorre,
pois quando o sol nos morre
surges-me, sol dos sóes...

Não és mulher ! a cupula
que cobre os teus altares
arqueia-se nos ares,
não poisa nos paúes ;
é-te esplendente lampada
o vespero que á tarde
se accende, véla e arde
nos templos teus azues !

Quero-te muito, adoro-te,
visão de eterno encanto,
que enxugas o meu pranto
nas dobras do teu véo.
Surges, e a noite espalha-se ;
e, na mudez das trevas,
escuto a voz que elevas
n'um cantico do céu !

A DOLORES

Não te condemno, descança!
que, se é pesado o teu crime,
a dor que teu pranto exprime
vem desarmar a vingança!
Quero ver as tristes côres
da flor que o vento destrança
da corôa dos amores!

Eu era ainda creança,
—deves lembrar-te, Dolores,—
e da tarde a aragem mansa
embalsamava essa trança
com o perfume das flores!
Ante meus olhos passaste
e o teu perfume embriagou-me!
Quiz suspirar o teu nome...
não pude! segui-te os passos
e não te alcancei!... soltaste
o vôo pelos espaços!
Depois... voaste!... voaste...

Ai, pomba de asas de neve,
porque foi que a Providencia
tuas asas não susteve
nos céos da tua innocencia?

Cançaste, e caíste um dia!
foi o dia derradeiro
de tua santa alegria,
chegava o dia primeiro
de tua lenta agonia!

E eu, que na terra curvado
d'esta alma o incenso te ergui
como d'um sacro thuribulo,
venho quebrar ao teu lado
o thuribulo sagrado
contra a porta d'um prostibulo!

Não chores, mulher! nem tremas
de me apertar contra o seio!
Se já quebraste as algemas
d'aquelle amor... inda creio
que podes amar: teus prantos
traduzem-me a tua dor;
e o pranto é lava que irrompe
da cratera onde arde o amor...

Fatal amor! A desgraça
nunca em vida me deixou
uma illusão de creança!
Olha, não chores! lá passa,
e além defronte parou,
mais um amante dos teus!
Não te condemno, descança!
Não chores, mulher! adeus!

1869.

A LAMARTINE

*Nos pleurs et notre sang sont l'huile de la lampe
Que Dieu nous fait porter devant le genre humain!*

LAMARTINE.

Estalaram-te as cordas do alaúde,
ao vibrar o lamento derradeiro!
Descança agora á sombra do loireiro,
e á sombra dos cyprestes, no ataúde!

Descança pois! Se a vida transitoria,
te abriu na fronte as rugas do trabalho,
viçam-te os loiros ao cair do orvalho
que manda aos évos os festões da gloria!

Lutaste, como heroe! Como poeta,
padeceste e cantaste! Negro sestro
domina os homens que incendeia o estro,
como a chamma domina a borboleta!

A nova geração de peregrinos,
que demandava a promettida terra,
ouviu-te quando o valle e quando a serra
repercutiu a voz dos girondinos!

N'um braço a lyra, n'outro o camartello,
sobre as ruinas d'uma idéa antiga
levantavas o amor, a luz amiga,
a ideia nova que resume o bello!

Lutaste, como heroe! Como poeta,
padeceste e cantaste! Oiço teus cantos,
saudo o heroe, e orvalho com meus prantos
as cinzas d'um cantor e d'um athleta!

1869.

DE BRANCO

A visão das alvoradas
que me surge, de asas brancas,
és tu, que, sorrindo, estancas
muitas lagrimas salgadas!

Vejo-te ás vezes passar
mais perfumada e ligeira
do que o aroma do crepusculo
que se espalha pelo ar;

vaporosa e ondeante
como um sonho oriental,
como o nuvem do levante,
como a névoa matinal.

Detem-te um pouco. A harmonia,
que nest'hora me extasia,
d'onde vem? Que estranha lyra,
quando tu passas, suspira?

Bem sei! — as nevadas vestes,
onde uma sombra não cae,
são cordas brancas d'uma harpa
que o vento ferindo vae...

Não ser eu vento ! maviosa
a minha canção seria !
com que amor te abraçaria,
ó minha harpa suspirosa !...

E vi-te ! mas não sei bem
se vi ondas de harmonia,
se vi nuvens de perfumes,
ou tunicas de cecem !

Se parasses junto a mim,
se o vento te não levasse,
talvez eu te comparasse
a uma estatua de marfim !

O que apenas hei sabido
é que eras branca de neve,
desde o rosto á planta breve,
á fimbria do teu vestido.

Alvura diz innocencia,
diz singeleza e candura ;
veste de luz a existencia
onde habita uma alma pura !

Sinto-me bem ao teu lado :
embriaga os sentidos meus
aquelle aroma suavissimo
que se respira nos céos !

Eu imagino que os anjos
vestem de branco tambem,
e que os seus e os teus vestidos
os mesmos perfumes tem !

Não sabes ? julguei um dia
que o teu vestido era neve ;
mas o fogo que encobria
os meus juizos conteve.

Se parece de alvas pennas
que branca pomba te déra,
cheira como as assucenas
que abriram na primavera !

Que importa o mysterio ? Eu creio !
se avisto do amor o symbolo,
abro á verdade o meu seio,
creio e amo, e espero... a gloria !

a gloria ! o sonho do crente !
o extasi do propheta !
a noiva do cenobita !
a aspiração do poeta !

Tu dirás onde ella habita,
a gloria que eu sonho tanto !
— para mim dirige os passos,
involta em nevado manto ;

enleia-me nos teus braços,
cingidos de branco véo !
— Véo e braços sejam asas
que me levantem ao céu !

MEMORIAS

Eil-os aqui ! Tão bellos como quando
tu m'os déste n'aquelle triste dia !...
Deixa-me estar agora contemplando
estas santas reliquias — teus cabellos !
Se o pranto da agonia
me não cega de todo, eu hei de vel-os
sempre que a tua imagem cá me envia
alguma triste e pallida lembrança !

Nada mais ! — uma trança,
segura por um laço côr do céu,
de ti é quanto resta !
O mais é cinza ! a negra sepultura
deixou cair o mysterioso véo
que me veda o mirar-te, ó alma pura !

Vejo-te apenas, filha do martyrio,
quando em noites de febre e de delirio,
eu recordo o teu gesto e a tua voz ;
e quando no ermiterio eu vago a sós,
ou me ponho a escutar falas tão doces
como se viva fosses !

Vejo-te, quando, á luz da madrugada,
desperto de nocturnos pesadelos,
deixo correr a vista embaciada
por esta longa trança de cabellos !

Como eu beijo estes fios reluzentes,
tristes memorias d'um amor tão triste !

Cuidando ver presentes
as mãos que os entrançaram, imagino
uma d'aquellas horas bem fadadas
em que amparavam tuas mãos nevadas
esta cabeça que estuava; e inclino
de novo a frente; e, do que sonho e vejo,
só a trança orvalhada abraço e beijo !

Esta comprida trança é um fragmento
d'esse manto de seda, que te vinha
da cabeça ás espaduas de marfim ;
e que, se o baloiçava á tarde o vento,
cruzava-se co'as franças do teu parque,
e absorvia os aromas do jardim !

Quantas vezes, á beira das camelias,
n'esse manto gentil e perfumado
tu me abrigaste o peito lacerado !...
não era mancenilha que se abria
por me instilar a morte ;
era arvore de vida, a cuja sombra
remoçar-me sentia !

Em vão procuro em meu deserto agora
a tua sombra, ó arvore frondente !
queima-me os pés a areia abrasadora,
tisna-me as faces o simoun ardente !

Tu és o meu oásís, pobre trança :
junto de ti, o viandante lasso
sente não sei que alívio ! susta o passo,
dessa-se e descança !

MANUELITA

Como és formosa ! — a fronte esmaecida
na mão poisada ; a trança desprendida
em aneis de setim ;
attenta ao perpassar de ignoto harpejo,
de olhos fitos n'um astro que não vejo...
És bella, és bella assim !

Mas quem lança essas nuvens de tristura
por sobre cada estrella que fulgura
em teu rosto infantil ?
tens saudades do sol do Meiodia ?
das devezas da tua Andaluzia ?
do teu patrio Xenil ?

Eu imagino que a tua alma sente
a labareda d'um vulcão ardente...
d'um amor que eu sonhei !
Creio que, além do amor, a uma andaluza
não ha joia ou thesouro que a seduza,
nem purpuras de rei !

Mil vezes venturoso o que poisasse
os labios no veludo d'essa face,
e em teus labios de mel !

e que visse em teus olhos, quando o peito
ao teu juntasse n'um amplexo estreito,
um espelho fiel!

Como tu pagarias um abraço!
Alma ferosa como o sol no espaço,
és luz, e dás calor!
Teus olhos são profundos! scintillantes!
Tuas pomas são ondas palpitantes
d'um oceano de amor!

Gitana errante, os passos teus suspende!
achaste enfim uma alma que te entende;
para, descança aqui!
Uma tenda erguerei no meu deserto,
com amor pagarás o amor que offerto,
e eu... morrerei por ti!

Quando um teu beijo me esaldar; e quando
a aurora da ventura, irradiando,
me restituir abril,
has-de esquecer o sol do Meiodia,
as devezas da tua Andaluzía,
e o teu patrio Xenil!

Da velha Murcia as viridentes matas,
tertulias, malaguenhas, serenatas,
as torres do Albaicim,
a tua Alhambra, a tua irman Pepita,
o teu bolero... ai, tudo, Manuelita,
esquecerás por mim!

DEUS NÃO DORME

A calma noite mil pharóes esplendidos
desenha ao fundo de azuladas telas;
illumina-se o eterno sanctuario
que tem por lampadas milhões de estrellas.

No entanto, sobre a face d'este mundo
um véu de negras sombras se desdobra:
o rei da criação a fronte dobra,
e eil-o sepulto n'um dormir profundo.

Eu pasmo! E venha alguém dizer-me agora
a razão porque olhando acima e abaixo,
n'este mundo só densas trevas acho,
e lá em cima a luz — por esta hora!

Diga-me alguém porque palpita a vida,
dessas estrellas na brilhante cohorte;
quando ao bafo do somno — irmão da morte —
toda a terra ficou adormecida!

Eu sei! — aquelles sóes de luz suavissima
deixam-me adivinhar outros fulgores:
são lampadas suspensas no vestibulo
do templo dos eternos esplendores.

Era quanto me faltava:
não só traida e esquecida,
senão vel-o aqui tão perto
com outra passando a vida!

Eu não sou mulher de pragas;
mas, se o Diogo tal faz,
faço coração das tripas,
não sei do que sou capaz!

Talvez que entre a hostia e o calix,
á missa do meio dia,
eu rogue praga que á noiva
lhe tire toda a alegria!

Lá vae elle, tão janota
que parece da cidade!
Bem diz aquelle ditado
— falae no mau... — E é verdade.

Mas vejam como é ingrato,
que nem olhou para mim!
ai, quem diria as mudanças
que o tempo faria assim!

Nem hoje, dia de festa,
que vesti a saia branca,
com estas barras floridas,
com esta roda tão franca!

Cheguem-se a mim as fidalgas,
e verão quem é formosa!
Mas que importa a formosura
para quem é desditosa!

AMORES DA ALDEIA

A GOMES DE AMORIM

Nunca visto a saia branca
com esta barra de flores,
que me não venham á ideia
os meus passados amores !

Pois se elle gostava tanto
de me ver vestida assim !
Era um prazer vel-o então
a mirar-se todo em mim !

E mocetão mais guapo
não havia no arrabalde :
se muitas o requestavam,
quantas e quantas de balde !

De mim se namorou elle,
e foi o meu conversado...
Nem quero agora lembrar-me
d'esse tempo afortunado !

Agua passada... Mas era
o mais gentil mocetão
que pompeava na igreja,
em domingos de funcção !

DOLORIDA

(FRAGMENTOS)

Vou reclinar-me ás vezes na janella,
deixo ir a vista ao grado da corrente,
e esqueço-me de mim, pensando n'ella !

.....
.....

Eu dormia meus sonhos em arminhos,
embalavam-me sempre os teus cantares,
acalentavas-me com teus carinhos.

Quando as estrellas brilham n'esses ares,
o céo abria-se, eu joelhava, e via
a tua imagem só nos meus altares !

E Deus via o meu culto ; mas um dia,
os vendilhões entraram no meu templo,
e da festa fizeram uma orgia !

Ai, cruz do meu altar ! de amor exemplo !
esvae-se-me a razão, foge-me a vida...

.....

Se me banha uma lagrima sentida,
quando volto ao passado os meus olhares,
é por ti que eu a choro, Dolorida!

.....
.....

Se em teus caminhos me encontrares triste,
não perguntes a causa, nem te espantes
por ver que o martyr te perdeu e existe!

Se me encontrares, quero que levantes
o véo de prantos que te ensombra a face,
porque eu te veja como via d'antes!

e quero então que o mundo, quando passe,
o mundo que te quer comprar carinhos,
saiba que o amor nunca se compra... dá-se!

1867.

EGEU

(QUADRO MYTHOLOGICO)

Corre serena a tarde. O canto dos barqueiros
vae casar-se no Himeto á voz dos pegureiros.

Espelha os céos azues, das aguas o lençol ;
nas tangentes do mar vae resvalando o sol.

E o mar arqueja alli, como alimaria enorme
que, depois de lutar, caiu, repouisa e dorme !

Oh que saudade immensa o peito vem cortar
ás horas do sol-pôr, na Grecia, junto ao mar !

E o tremulo ancião, de cãs ao vento dadas,
contempla d'um fragedo as ondas azuladas !

como pintam no Horeb as lendas dos hebreus
esse que estende o olhar aos campos canaaneus !

Dóe-lhe não ir a vista aonde o amor alcança ;
e estende, estende o olhar... Que dolorosa esp'rança !

Se ao longe branquejar a vela de Theseu,
alegra-te, ancião, — regressa o filho teu !

Mas, se apontar ao longe alguma vela preta,
volta o navio só,— morreu teu filho em Creta.

E Egeu estende sempre o angustiado olhar,
pelas ondas azues do irrequieto mar!

A lua ergueu-se além; passam de largo as frotas;
a alcione suspira, e gemem as gaiotas!

E a vela de Theseu não surge ainda ao sul:
azul é sempre o céu, o mar é sempre azul!

Aguarda, triste pae! o mar, que espelha a lua,
espelha o teu ancilar, chora a saudade tua!

e ha de trazer teu filho... Um ponto escuro! vês?
avista-se no sul! Repara! é nau talvez!

No olhar o velho abrange a vastidão das aguas,
no indefinido olhar, nuncio de fundas maguas!

E o ponto escuro cresce, e cresce mais e mais...
quedae-vos um momento, ondas que balouças!

Surge uma vela preta! O velho treme, hesita,
os olhos ergue ao céu, e ao mar se precipita!

Em circulos abriu-se immenso boqueirão,
levando a dor e a vida ao desditoso ancião!

Foi-se um profundo ai repercutir nas fraguas ;
e a lua continuou mirando-se nas aguas!

O MONTANHEZ NO EXILIO

Que recordações tão doces
da minha patria querida!
Irmã! que prazer, que vida
n'essas terras tão gentis!
Juro amar-te sempre, ó França,
meu paiz!

Lembras-te de quando, á noite,
no lar da nossa casinha
alegre abraçar-nos vinha
nossa boa e terna mãe,
e suas cãs tu beijavas,
e eu tambem?

Lembras-te d'esse castello
que musgoso se espelhava
sobre o rio que o cercava?
Lembras-te, inda, minha irmã,
do sino que nós ouviamos
de manhã?

E lembras-te da lagôa
que as andorinhas roçavam?
das auras que murmuravam

poesia a quem sabe amar?
e do sol quando ia ao longe
expirar?

Embora não veja Helena,
nem da patria os mil encantos ;
embora tenha só prantos,
eternamente infeliz,
hei de amar-te sempre, ó França,
meu paiz !

(De Chateaubriand).

1864.

CARPE DIEM

Memoria! luz sinistramente clara
que deixas ver o negrejar de escolhos,
és sortilegio que me prende os olhos
às taboas do baixel que naufragara!

Accendes-te, e o passado resuscita
rodeado de funebre cortejo!
e, se ergo a vista ao alto, apenas vejo
nuvens toldando a abobada infinita!

E, no entanto, eu sou moço, e a juventude
devia-me doirar a phantasia,
coroar-me de rosas, e devia
de rosas adornar meu alaude!

Pois abril, a estação florida e bella,
que varre as nuvens do horisonte escuro,
d'este meu triste inverno prematuro
não levará o frio que enregela?

Memoria! eu te maldigo! Quando acorda
a voz das aves por manhãs serenas,
surges fatal e triste, e me envenenas
o calix de ambrosia que desborda!

Quem te apagara, ó minha luz funesta,
que estes olhos diriges ao passado!
quem m'os guiara pelo verde prado
que abril inflora por manhãs de festa!

Só tu, mulher, só tu me poderias
apagar a memoria que me esmaga,
trazer-me as rosas que frementa vaga
lançou no abysmo dos passados dias!

Só tu possues a voz do Nazareno
que aos mortos dava luz e vida e fala:
— nada no mundo á tua voz se eguala!
nada similha o teu olhar sereno!

Derrama um teu olhar na esconsa via
que leva... nem eu sei aonde leva!
seguir-te-ha meu olhar, que inda se eleva
áquella triste luz que me alumia!

Sólta essa voz! não sei de rocha dura
que, ao escutal-a, immovel se ficasse!
aproxima da minha a tua face!
e eu saudarei a aurora da ventura!

Quero viver ainda! poucos annos
hão passado na fronte que se enruga!
Tu, novo sol que os olhos meus enxuga,
has de levar-me a luz dos desenganos...

Para mim, o passado não existe!
quero crer no futuro e no presente!
na quadra alegre, na estação florente,
que peito móço ha 'hi que seja triste?

Não ouves tu ? Dos tremulos salgueiros,
rouxinoes prenunciam a alvorada !
Não vês ? D'aquelles montes a assomada,
do sol a beijam os clarões primeiros !

Verdeja a encosta e o valle. N'esta hora,
em niagaras de luz e amor trasporda !
Se á luz do amor a natureza acorda,
acordemos tambem, saudando a aurora !

Espera-nos além o bosque denso
com seus estrados de esmeralda e rosas ;
e, d'entre as bastas frondes rumorosas,
ao céu se eleva perennal incenso !

Á sombra do arvoredado, visitados
pelas réstias do sol, e pelas aves
que virão, com seus canticos suaves,
tecer epithalamios inspirados.

nadaremos em mares de delicias,
sem que o vento do norte agite as vagas ;
embora as flôres que no peito affagas
desmaiem entre beijos e caricias !

Quero vasar a chamma que me inspira
n'uma alma que me entenda, como a tua ;
e ver se ante uma deusa semi-nua, -
um peito lacerado inda suspira !

Quero ver teus cabellos desprendidos
n'um cabeçal de flôres ; quero vel-os,
os teus longos e nitidos cabellos
com este meu cabelo confundidos !

Quero ver, face a face, esse mysterio
que me tem sido um pesadelo enorme;
de mil insomnias a visão informe
eu quero ver se é mais que um sonho aereo !

Eu quero que os teus braços me comprimam
bem contra o seio teu ; para que eu diga
que uma cadeia só abrange e liga
duas almas que tanto se aproximam !

E, se a noite vier, será teu leito
a alfombra em que eu repouse os membros lassos ;
terás por almofada um d'estes braços,
da aragem o outro livrará teu peito !

E, dormitando alli, hei de esquecer-me
do que soffri ; julgar-me grande e forte,
e rir-me alegre do ameaçar da sorte,
se do gigante pode rir-se o verme !

JUNTO A UM BERÇO

À PRIMEIRA FILHA DO MEU AMIGO DIOGO DE ALMEIDA LOUREIRO
CASTELLO-BBANCO

I

A flor que desabrocha
regada por alguém ;
o musgo que á luz vem
nos angulos da rocha ;

o sol, quando reponta
nos pincaros d'além ;
a lua, que astros cem
beijando, ao céu remonta :

tudo ao nascer — anjinho,
ouve-me, escuta bem : —
tudo ao nascer, só tem
sorrisos, luz, carinho !

E tu, a quem a aurora
da vida inundar vem,
¿ não abrirás tambem
teu doce riso agora ?

II

Olha ! vê como teus paes
te vão beijar á porfia !
— qual terá mais alegria ?
qual d'elles te amará mais ?

Os mimos recebe, flor,
que chovem sobre o teu leito,
e guarda sempre em teu peito
esses thesouros de amor !

Tua mãe ! — Deixa roçar
o seu labio no teu labio,
e aponte-me alguém um sabio
que esses beijos vá contar !

E tu és a incarnação
do santo amor que ligára
a teu pae a esposa cara,
unindo-os n'um coração !

Por isso, teu pae, ao ver
em ti a imagem da fada
que lhe encantou a alvorada
— da vida no amanhecer ;

de goso delira, e vae
cingir-te em abraço terno ;
e a par do beijo materno
recebes o de teu pae !

Oh! se tu soubéras bem
o prazer, o amor, o aneio
que faz palpitar o seio
de teu pae e tua mãe!...

Os mimos recebe, flôr,
que chovem sobre o teu leito,
e guarda sempre em teu peito
esses thesouros de amor.

1864.

ESPARSA

Confessas que um doce beijo
póde uma culpa remir,
e á face te assoma o pejo,
que te não deixa mentir ;

e, como a doirada abelha
que bebe o nectar da flôr,
na tua face vermelha
eu bebo o nectar do amor !

Quando a tua face córa,
tomando a côr da romã,
ficas linda como a aurora
precursora da manhã.

Sempre que um louco desejo
ao pé de ti me levar,
eu hei-de pedir-te um beijo
só para te vêr córar !

Não imaginas o gosto
e a profunda devoção
que eu sinto, quando em teu rosto
se espelha o teu coração !

Córas, por que és uma santa ;
e, já que tão santa és,
ninguem por certo se espanta
de que eu me curve a teus pés ;

nem pasma de que os meus cantos
um beijo vão celebrar !
quem é que não beija os santos ?
quem os não ha de cantar ?

Feliz aquelle que pede
um beijo em calma de amor,
e matar não pôde a sêde
d'umas faces no calor !

Mas ai d'aquelle que um dia,
abrasado o coração,
encontra uma face fria
e um peito gelado e vão !

Oh ! se um dia, murcho o pejo,
não podéres já corar,
não mais te supplico um beijo.
santa caída do altar !

REVELAÇÕES

— Mulher, ou sylpho aereo,
¿ d'onde te vens sósinha ?
¿ Que estrella te encaminha
ao meu eremiterio ?

— Quando a esperança é morta,
quando o pesar é fundo,
que importa o pranto ao mundo ?
a magua que lhe importa ?

— Nada, bem sei ; mas olha :
sulcou-me o pranto a face,
e a dita, — flôr fugace, —
mirrou-se, folha a folha !

Andei por lá... nem digo
como passei na terra !
depós cruenta guerra
descanço n'este abrigo !

Podes fallar sem medo,
e abrir teu seio enfermo,
que os eccos do meu ermo
sabem guardar segredo.

— Ando-me, sem conforto
meus ais aos ventos dando,
com lagrimas regando
as flôres do meu horto.

Dos tempos na levada
corri a um mar de dôres ;
ao céu ergui clamores,
e o céu não me ouviu nada !

Quando cheguei ao porto,
vasto lençol de areia
abriu-se ; e a mão cheguei-a
ao seio... estava morto !

Sonho, phantasma ou sombra,
andei... andei... ¿ por onde ?
se o sabes tu, responde
ao nada que te assombra !

— Nada ? pois não diz vida
a coruscante chamma
que farta se derrama
na face esmaecida ?

e as tranças que te ondulam
no collo transparente ?
e a voz tão attrahente
que os labios teus modulam ?

e o seio arfando a espaços ?
e as mãos que ao seio acodem ?
e as plantas que inda podem
medir incertos passos ?

Vejo-te, sim, bem triste ;
do que a assucena pura
mais pallida ; e, ventura,
só sabes que ella existe !

Causa-te a vida tedio ;
vérgas, delgado arbusto ;
mas Deus, tres vezes justo,
não te dará remedio ?

Não ha na terra encantos ?
estende o olhar maguado
sobre este mar salgado
de dôres, ais e prantos :

talvez da tua palma
hajas devida posse,
ou gotas de agua doce
te refrigerem a alma !

— É grande o meu deserto,
infundo este horisonte...
e não diviso fonte
nem longe nem ao perto !

— Vê bem : talvez que, alçando
a tua vista agora
á luz animadora
do amor suave e brando,

das cinzas resurgisse
a fenix do passado,
trazendo-te o eldorado
d'essa infantil ledice !

— Eu sei que o amor se acoita
sob um sorriso, e... talha
a gelida mortalha
que a vida nos innoita !

Não venhas pois fallar-me
d'um sonho mentiroso
que, em vez de eterno gozo,
só prantos quiz deixar-me !

Meu berço foi de rosas ;
e o genio... embalou-me,
ao ensinar meu nome
às auras suspirosas.

Tinha uma lyra de ouro
esse que me embalava ;
e ao pé de mim velava,
como do seu thesouro !

Mas quem de amor se nutre
longe não vê, — demora
a vista em quem adora !
Baixou estranho abutre,

abriu a garra adunca,
arreatou-me aos ares,
e o céu e a terra e os mares
ouviram : — Nunca ! nunca ! —

Ai ! era a voz saida
do seio moribundo
d'aquelle que no mundo
me deu amor e vida !...

Ai! era a voz cortada
no extremo paroxismo,
quando elle sobre o abysmo
se punha a ver o nada!...

Ainda olhei, — doeu-me
aquella dôr sem fundo! —
corri co'a vista o mundo...
o bardo despar'ceu-me!

Quiz-lhe descer aos braços
e revocal-o á vida;
lutei! baldada lida! —
peiados tinha os passos!

Mas Deus não ama o crime,
e ao forte as forças marca:
lutei, arca por arca,
e achei-me só! Parti-me.

.....
E tremes? E descoras?
E alegras-te e entristeces?
Córas e empallideces?
Joelhas? Porque choras?

— E não te conhecia!
e não me conheceste!
que o pranto, flôr celeste,
os olhos nos cobria!

— Vives! eu te conheço,
que o teu amor me inspira!
Toma de novo a lyra!
embala-me... adormeço...

1868.

AVÊ, LIBERTAS

PARA SE RECITAR NO THEATRO ACADEMICO DE COIMBRA, NO DIA
ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE PORTUGAL

Salvè, aurora que irradias
da escravidão nos horrores,
braço amigo que allivias
ao escravo a sua cruz!
salvè, sol da mocidade,
astro de vivos fulgores!
salvè, doce liberdade,
filha do céu e da luz!

Estamos livres! passaram
aquelles dias de luto,
em que orphãos tristes choraram
a perda da patria-mãe!
Resurgiu um povo nobre;
e hoje o nosso rosto enxuto
nem véo de tristeza o encobre,
nem uma lagrima tem!

Já posso erguer esta fronte
ao astro que me illumina!
posso já, subindo ao monte,
descendo ao esconso val,
repetir de serra a serra
e de campina a campina:

— sou livre na minha terra,
é livre o meu Portugal !

Já podemos, sem receio,
fallar dos brios que foram ;
podemos abrir o seio
aos olhos de nosso irmão !
se a miseria nos opprime,
e se as maguas nos devoram,
podemos hoje sem crime
chorar e estender a mão !

Hontem, não ! a tyrannia
vedava-nos os gemidos ;
áquelle, que mais gemia,
mais se uniam os grilhões !
e apenas, de quando em quando,
um ai de seios doridos
rompia a medo, acordando
os eccos das solidões !

Quando a patria definhava
entre as mãos de seus algozes,
e jazia a nobre escrava
peiada de algemas vis,
vinha o leão de Castella
suffocar-lhe altivo as vozes,
insultal-a, escarnecel-a,
recalcando-lhe a cerviz !

Mas, quando mão imprudente,
despresando a natureza,
vae represar a torrente
que no seu caminho vem,

a torrente cresce, engrossa,
toca os bordos da represa,
derrue, arrasa, destroça
os diques, e passa além !

Foi assim a liberdade,
quando arredal-a quizeram
de cada nossa cidade,
de cada nosso casal :
não houve barreiras ; que ella
sorri dos que a sustiveram,
prostra o leão de Castella,
e vem banhar Portugal !

Bemvinda seja ! Quem ha de
entre nós cerrar os olhos
ao clarão da liberdade
que refulge sobre nós ?
Pisâmos um chão de flores,
desentranham-se os refolhos
do coração em amores,
da liberdade ante a voz !

Se estranhos de novo ousarem
invadir a patria nossa,
e um povo livre ameaçarem,
co'os ferros da escravidão,
não vereis ingratos filhos,
nunca vereis gente moça,
da patria manchando os brilhos,
dar os pulsos ao grilhão !

Vereis, sim, a galhardia
dos filhos de Aljubarrota ;

de Valverde o claro dia
surgirá mais uma vez!
embora n'este recinto
eu não veja malha e cota,
em cada peito presinto
um coração portuguez!

Se a Polonia, a Hungria, a Irlanda,
cada qual ao chão se vêrga
perante a sombra nefanda
que lhe algema os pés e as mãos,
não nos algemem! — na guerra,
não ha braço que não se erga
por salvar a nossa terra,
por salvar nossos irmãos!

Se é tão doce a liberdade,
se á patria tanto queremos,
se é tão crente a mocidade,
se é tão negra a escravidão,
remocem brios antigos,
e n'este dia saudemos
bem do peito, irmãos e amigos,
a aurora da redempção.

1868.

CONFIDENCIAS

Estrella solitaria em céu sombrio,
meu lucido farol de mago encanto,
¿ porque vens reflectir teus raios tremulos
nas bagas d'este pranto ?

Pesado véo de sombras se desdobra,
toldando os astros mil da immensidade ;
mas tu, só tu, mandas teu brilho pallido
á minha soledade !

Que vens dizer-me por calada noite ?
para que brilhas n'esse céu de chumbo ?
para que ris, estrella solitaria,
quando eu á dôr succumbo ?

És tu acaso crystalina urna
que, dia e noite, as mãos da Providencia
entornam, derramando doce balsamo
nas dôres da existencia ?

Creio-o do intimo ! — Essa luz tão pura
vem no meu seio diluir abrolhos ;
nem sei que alivio sinto quando em lagrimas
a ti levanto os olhos !

É que, ao vêr-te brilhando lá distante
por entre negros véos, eu me asseguro
de que em ti n'esta hora poisam languidos
os olhos que eu procuro!

Nos olhos que eu procuro, e que não vejo,
vaes docemente reflectir-te agora;
vaes inundar de luz a fronte angelica
que a saudade descora!

E que eu nem seja um raio dos que envias
á solidão onde penando existe!
fôra beber febricitante, sofrego
as lagrimas da triste!

Ao menos vae dizer-lhe, ó astro amigo,
que penso n'ella só, — por vida minha! —
E depois vem fallar-me do martyrio
e maguas da mesquinha!

Assim, as noites correrão mais breves,
cuidando ouvil-a no meu ermo e vel-a...
Não me abandones pois, rebrilha, falla-me,
ó solitaria estrella!

1866.

MARGARIDA

(DO FAUSTO, DE GOETHE)

Nunca mais terei descanso
na minha alma dolorida :
perdi a minha ventura,
minha esperança é perdida !

Dês que o não vejo a meu lado,
dês que elle de mim se ausenta,
a meus pés a sepultura
aberta se me apresenta !

A razão foge-me, esvae-se-me,
ai ! mas quem a não perdera !
— Não sei que veneno occulto
o seio me dilacera !

Nunca mais terei descanso
na minha alma dolorida :
perdi a minha ventura,
minha esperança é perdida !

Quando a alvorada reponta,
cheia de amor e fragrancia,
vou debruçar-me á janella,
a vêr se o vejo a distancia.

Outras vezes, saio fóra,
a vêr se lhe escuto os passos ;
e, se o vejo..., corro, vôo,
e lanço-me nos seus braços !

Aquelle aspecto tão nobre !
e aquella andar tão altivo !
e aquella rir gracioso !
e o olhar penetrante e vivo !

E que doçura nas falas
a accenderem mil desejos !
e que abraços tão unidos !
e que fogo nos seus beijos !

Ai, nunca mais em repouso
verei os dias da vida !
perdi descanso e ventura,
minha esperança é perdida !

Se acaso o vejo, parece
que a pulsar me estala o peito ;
mas, se elle me deixa..., triste
eu me levanto e me deito !

Oh, que eu não possa prendel-o
ao logar onde me vejo,
e morrer entre seus braços,
recebendo o ultimo beijo !

1868.

MIRAGEM

Feri os pés na areia do deserto ;
tenho os labios queimados pela sêde ;
o sol tisonou-me a face ; vãos clamores
extinguiram-me a voz ; afrouxo os passos !

E não te dões de mim ! Vejo-te ao longe
nas orlas do horisonte, como á tarde
o girasol se inclina, á despedida
do astro que se esconde além dos montes.

Oh fonte de poesia ! Acaso a nuvem
é sempre nuncia de tormenta ? Acaso
não pôde ella embeber-se vaporosa
nos raios tremulos do sol nascente ?

Não vês o meu deserto ? Porque foges ?
não vês que desfalleço ? oh filha, ampara-me !
dá-me o teu seio, oasis de verdura !
verde palmeira, dá-me a tua sombra !

1868.

A INSULANA

D'onde vens tu, andorinha?
Filha da onda e do sol,
vens tringar ao arrebol
que esplende na patria minha?

Sê bemvinda. A primavera
chegou, e saudal-a vens!
— Abotôam as cecens,
o ulmeiro veste-se de hera!

Sólta pois o teu gorgieio,
dá-lhe a doçura do mel;
que eu traduzo em meu nebel
as amarguras do seio!

Mal sabes tu, andorinha,
quanto balsamo dos ceos
espreme um canto dos teus
n'esta magua que é só minha!

Quando desprendes teus cantos,
penso achar allivio á dôr,
e penso no teu amor,
e penso nos teus encantos!

E lá, no meio dos mares,
filha da onda e do sol,
nunca verás arrebol
como o que inunda os meus lares !

E eu tremo, se ás vezes ouço
gemer e rugir o mar !
oh ! não vás n'elle occultar
a espuma do teu pescoço !

Vê lá se não tens receio
de entre essas ondas morrer,
e, longe de mim, perder
as conchinhas do teu seio !

E as tranças do teu cabelo !
se o levas por esse mar,
morro, só de me lembrar
que não tornarei a vel-o !

Deixa ficar os teus olhos
assim pregados nos meus !
— No mar ha só escarceus,
tubarões, ventos, escolhos !

Aqui ha sempre bonança,
do sol ao nascer e ao pôr ;
muita paz e muito amor,
muita fê e muita esp'rança !

E dize-me tu : se os mares
teu vôo podér vencer,
quem te virá receber
nas rochas onde poisares ?

Que farás por lá sósinha?
que braços te abraçarão?
Quando fugir o verão,
não me fujas, andorinha!

1869.

NOTAS PERDIDAS

.....
Não vês ? Desmaia o dia,
a lua se alevanta,
e o rouxinol descanta...
São horas de poesia!

É n'esta hora magica
de enlevo e de harmonia
que o aroma do crepusculo
me endoida e me inebria!

E sonho tanto e tanto,
que n'um clarão estranho
todo me inundo e banho,
em ceos de eterno encanto !

Quem prolongasse o jubilo
do eden sereno e santo
aonde a mente em extases
e o coração levanto !

Mas sempre a sombra e o nada
ao lado do vidente !
sempre um sorrir descrente,
após visão doirada !

O deslumbrante vespero
irrompe da assomada,
d'onde não surge esplendida
a luz da madrugada...

.....

E em balde estendo os braços
á estrella solitaria !
— É luz imaginaria
que vaga nos espaços :

domina melancolica
da noite os soes escassos ;
mas não existe, illude-me,
não me alumia os passos !

.....

1870.

A UMA CRENÇA

Loura creança ! para ti, ditosa,
é largo espaço o pequenino leito !
Sê homem, surge, espalha a vista anciosa,
e o mundo immenso te será estreito !

(De Schiller).

1869.

N'UM ALBUM

Se, por noite que a alma enleva,
na montanha paro e scismo,
e uma nuvem lá se eleva,
encobrando o azul dos ceos :
ajoelho, e peço a Deus
que esta noite, em que me abysmo,
não espalhe funda treva
pelo ceo dos olhos teus...

1869.

AQUELLA PEQUENA

Mora-me aqui á esquerda uma vizinha
de olhos azevieiros, tão maganos,
que namora, apesar dos seus dez annos,
tutti quanti... Deixal-a, coitadinha !

Aquillo ha de ir medrandó, e Deus bem sabe
como prepara as coisas.

Dá esp'rança
a pequena; comtudo, a vizinhança
olha-a de lado, e afina o rabecão...
Más linguas. Eu desculpo-a, e até ás vezes,
quando algum peralvilho se avizinha,
todo me delició a ver como ella
repoisa a face triste sobre a mão,
debruçando-se languida á janella,
como quem já tem penas ! Coitadinha !

Eu cá, vizinhos maus, que os leve a breca !
Pois que importa que tenha o seu derriço
a creança ? palermas ! Antes isso
do que vestir as saias á boneca !

1868.

LUZ E FLORES

(NO TERCEIRO ANNIVERSARIO NATALICIO DE D. M. Q.)

Quando abril, das suas flores
os doces cofres abria,
abriste os olhos ao dia,
fructo de santos amores!

Tenra ainda como as plantas,
e tuas irmãs as flores,
tens perfumes e verdores,
cresces, e brilhas, e encantas!

Mas olha: quando o nordeste
restrugir pela campina,
já não verás a bonina
que nasceu quando nasceste;

e é triste ver os encantos
da aurora da nossa vida
sobre a onda entumecida
d'este oceano de prantos!...

Porém, quando o frio inverno
te levar a primavera,
enlaça-te como a hera
ao doce peito materno!

Terás lá calor constante,
constante amparo e carinho,
como a ave no seu ninho,
como a flor em seio amante.

Um beijo de mãe, um riso
que passa em labio materno,
espelha o sorrir do Eterno
aos anjos do paraíso !

Quando o sol das primaveras,
que os teus sorrisos comparte,
vier de novo beijar-te,
ao surgir de novas eras,

oh ! praza a Deus que não tenhas
de lhe pedir a fragrancia
e os brilhos da tua infancia,
e a paz das tuas montanhas ;

e as alfombras dos teus valles,
por te lembrar o teu berço ;
e a luz que banha o universo,
porque em brilho o sol eguaes !

Antes o teu diadema
lance luz que ao sol emprestes,
e a gala das tuas vestes
de abril as galas não tema !...

Resguarda, lirio de neve,
os aromas da innocencia,
'té que a mão da Providencia
d'este mundo ao céo te eleve.

1868.

AVÈ, STELLA!

(JUNTO D'UM RETRATO)

Lancei de entorno a mim os olhos humidos,
e tudo era deserto! no horisonte
não rasgava as areias uma fonte,
nem palmeira se erguia no areal!

No escuro céu, nem uma estrella pallida
vinha mostrar o norte ao peregrino!
E eu caminhava em pós do meu destino,
sem bussola, sem astro, sem fanal!

Bemvinda sejas! — Se eu disser: ampara-me!
terei um braço que me ampare amigo!
se eu resvalar no funeral jazigo,
lá irás uma lagrima depôr!

Se ha tanto na soidão do meu Gethsémani
embalde invoco a divinal clemencia,
tu rogarás por mim á Providencia
que me leve este calix de amargor!

Quando a harmonia te descerra os labios,
—labios mais perfumados que a magnólia,
mais doces que um suspiro de harpa eólia,
mais puros que o fulgir de etherea luz,—

cuido ouvir os lamentos da Veronica
que me encontra na via dolorosa,
e que vem prestes enxugar piedosa
o pranto que me escorre sobre a cruz!

Não vês erguido além o meu calvario?
O amor salvou o mundo! — eia! a caminho!
pousa commigo os pés em cada espinho,
salvemo-nos de exilio tão cruel!

Sobe commigo, irmã pelo martyrio!
e, quando os labios me queimar a sede,
ouve-me então, que o martyr só te pede
lhe dês um gole de agua em vez de fel!

1869.

TRES VÉOS

(DEPOIS DA LEITURA D'UMA BALLADA DE MURGER)

I

Alvo, mais alvo que a neve,
era o seu primeiro véo ;
diaphano, brando e leve,
mais do que as nuvens do céu.

Uma grinalda bordada
n'elle havia, e tão fiel,
que muita abelha enganada
lhe vinha sugar o mel...

Debaixo d'aquelle manto,
lhe bateu o coração
um só dia — o dia santo
da primeira communhão !

II

Fiou depois o segundo,
e a tecel-o começou
quando a mãe, deixando o mundo,
no mundo a filha deixou !

Era negro aquelle manto
como a sombra d'uma dôr...

tinha umas nodoas de pranto,
vertido por muito amor !

Debaixo do véo escuro
abrigou o coração,
quando, sem fé no futuro,
se escondeu na solidão !

III

Ao cabo de muitas dores,
mais um véo teve depois ;
mas este não tinha as flores
nem a côr d'aquelles dois !

Tinha flores mais singelas,
e era azul est'outro véo ;
era bordado de estrellas,
tinha os aromas do céu !

N'este véo inda resguarda
o innocente coração :
nos céos o anjo da guarda
lh'o vestiu por sua mão.

1868.

VEDERE NAPOLI...

Quantas vezes, em meio da jornada,
eu paro a ver a nuvem coloridá,
e a vista alongo á terra promettida,
— eldorado talvez, ou sonho, ou nada!

Poeta, sonhador, porque te agrada
em louca aspiração passar a vida,
sem lograr nunca o vel-a convertida
nos céos que sonha a mente extasiada?

Vaes, que avistaste algum pharol divino ;
ladeia-te devota caravana
e mal sabes ainda o teu destino !

Vae, romeiro ; o futuro desempana ;
e, penetrando na kaaba, ó peregrino,
repoisa, e lança ao vento a argilla humana !

1870.

RUINAS

(FRAGMENTOS D'UNS VERSOS A AMELIA JANNY)

.....
És venturosa ! se o pranto
às vezes te esconde a luz,
é que tu não sabes quanto
é pesada a alheia cruz !

Choras co'a nuvem que passa
nos teus sonhos matinaes ;
imaginas a desgraça
na trilha por onde vaes ;

Magôas-te quando o vento
dobra as urzes do alcantil ;
e quando um véo pardacento
vae toldar o céu de abril !

Se ha queixumes no retiro
onde a rola se abrigou,
para logo um teu suspiro
às devesas avoejou !

Se a inconstante borboleta
as azas crestou na luz ;

se a tua alma de poeta
e cireneu d'uma cruz ;

se ouves gemer a cascata,
se as auras gemem no ar,
se a saudade se dilata
na aragem crepuscular ;

se dos salgueiros frondosos
irrompem ao pôr do sol
os canticos suspirosos
do saudoso rouxinol ;

se alguém chora a eterna ausencia
de paes e filhos e irmãos ;
se a abandonada indigencia
na rua te estende as mãos :

sempre uma lagrima tua
ás de outrem juntar-se vem,
como a onda que fluctua
se junta ás ondas d'além !

.....
.....

Mas eu não choro nem canto !
se a minha voz tento erguer,
recolho na alma este pranto
que o mundo não pode ver !

Quando vejo pranto e luto,
quando escuto uns ais de amor,

eu sinto o meu rosto enxuto
diante da alheia dor ;

porque dôr nenhuma eguala
a dôr que se esconde ás mais,
que não se exprime na falla,
que não a traduzem ais !

Á hora em que o pensamento
abraça mundos sem fim,
ergo a vista ao firmamento,
e ólho por dentro de mim...

Então, se tu bem souberas
segredos que a voz não diz,
sorrias ás primaveras,
e chamavas-te feliz...

.....

1869.

APPARIÇÃO

(RECITATIVO)

Reponta o dia. O matinal crepusculo
vae-se esvaecendo ante os clarões da aurora !
Aves suavissimas entornam canticos
pelos jardins que a primavera inflora !

Entre baunilhas e cecens e anémonas,
a fronte encosto em cabeçaes de flores ;
e, ebrio de aromas, alevento o espirito
ao céu azul, e crio um céu de amores !

Que melodias, e que sol esplendido !
n'esta paragem que prazer se goza !
de vaporosas e encantadas silfides
cruzam-se as azas na mansão ditosa !

Mas, d'entre as vozes que eu escuto em extasi,
d'entre o perfume que d'aqui se exhala,
surges cercada de esplendente auréola,
loira valkiria d'este meu valhala !

Bemvinda a aurora que semeia perolâs
pelas campinas em que o amor divaga !
bemvinda a aurora que me envia prôvida
esta visão que me acalenta e affaga !

Apparição, que perfumada e languida
espalhas rosas em virente alfombra,
quero envolver-me na tua alva chlâmide,
e bemdizer-te, realidade ou sombra!

PEDRO IV

(NA INAUGURAÇÃO DA SUA ESTATUA)

Era junto do mar. Os bravos do Mindello
cercavam o valente, o heroe, o rei-soldado !
na luta e no triumpho era sublime o vel-o
magnanimo sem par, e sempre idolatrado !

Quem se não lembra d'elle ! A sua espada rútila
foi estimulo e exemplo á espada dos seus bravos ;
e o povo recebeu de suas mãos beneficas
a lei que alforriou uma nação de escravos !

E ainda em nosso peito, e ainda na memoria
tinhamos até hoje o regio heroe presente :
ninguem transpunha ainda o limiar da historia
por contemplar a face ao vulto resplendente.

Mas cumpria narrar aos porvindouros seculos
do redemptor da patria os feitos singulares ;
mas cumpria que o genio eternisasse a auréola,
d'onde descende a luz que banha nossos lares !

Quando o futuro, o sol que ha de assomar um dia,
viesses despontando em céu purpureado,
primeiro a altiva estatua illuminar devia
da Aurora que rasgou a noite do passado !

Viu isto um povo grato, e imaginou-se a estatua;
 saudosa a patria quer que á morte o heroe resista:
 o Imperador-Soldado agita-se no tumulo,
 escuta a voz do povo, e surge á voz do artista!

Como em festiva paschoa, o povo rejubila
 ante a resurreição do redemptor do povo,
 e prostra-se adorando a lucida favilla
 que do seu disco expede o sol d'um dia novo!

Erguido o monumento, e paga a enorme divida,
 o sol da liberdade assomará mais puro;
 e, junto d'essa estatua, ancião cançado e tremulo
 virá dizer um dia aos filhos do futuro:

« É elle, o Rei-Soldado! as nuvens do horizonte
 « arqueiam-lhe docéis, e cingem-lhe diademas...
 « e, ao despontr do sol, a magestosa fronte
 « reflecte a estranha luz que soe partir algemas!

« É elle, o irmão do povo, o pae dos proletarios!
 « a espada da justiça em mão que tudo irmana!
 « o sol que choveu luz, e bençãos e prodigios,
 « da serra do Pilar ás margens do Guadiana!

« Por nós deixou a paz do seu florente imperio,
 « quiz ver-nos balbuciar da liberdade o nome;
 « por nós cruzando o mar, buscando outro hemispherio,
 « ergueu thronos de amor, que o tempo não consome.

« Seu mais querido sonho, — a liberdade e a patria, —
 « doiravam-n'ò as visões de esplendido futuro;
 « mas quando ao fim chegou da sua luta homérica
 « em paz dormiu o heroe ante um porvir seguro!

« Vêdes? não se enganou! — os limpidos espaços
« são vasto mar de luz que nos deslumbra a vista;
« e as novas gerações adiantam-se nos passos
« do precursor da luz, do enorme evangelista!

« Patria da liberdade, a sorridente America
« deu forças ao seu braço e ao verbo altisonante!
« dobremos o joelho aos pés do grande apóstolo!
« olhae o precursor, e caminhae ávante!»

Se alguma leve sombra ao longe ainda vemos
que o vento e a luz affronta, e o céu da patria invade,
áquelle monumento os olhos levantemos,
e o pensamento a Deus, á patria, e á liberdade!

1870.



RIMAS

(A UMA VISINHA DO SEXTO ANDAR)

Fica-me a tua janella
a tal distancia da minha,
que os olhos cançam, erguendo-se
a taes alturas, visinha.

Ainda a manhã não vinha
despontando d'esse lado,
quando hoje um doce trinado
me roçou pelos ouvidos.

Julguei eu que eram chilidos
d'uma andorinha palreira
que muitas vezes á beira
do telhado anda trinfando ;

e acreditei-o ; mas quando
á escuta me puz attento,
conheci o brando accento
da tua voz : acreditas ?

Lá que tu prezas e imitas
as andorinhas, é certo ;
ou tu não fizeras perto
do meu telhado o teu ninho

Mas repara : se um visinho
cá tão debaixo te avista,
não creias que elle resista
ao calor do sol a prumo !

Deus sabe que me consumo
em revirar a cabeça
para ver a mão travêssa
que agita o lencinho branco.

Confesso-te, pois sou franco,
que, se não fôras tão bella,
jámais á tua janella
se ergueria a minha vista.

Mas emfim uma conquista
que não se paga a cruzados
vale bem estes cuidados
desde manhã ao sol-posto.

Quando penso no teu rosto,
e te vejo lá tão alta,
não sei que medo me assalta
de te ver ao pé da lua :

diante da imagem tua,
vêm-me uns sonhos de poetas ;
porque dizem que os planetas
sustentam vulcões no seio.

Se assim fosse, o meu receio
nunca tão justo seria !
imagina tu que um dia
te fazias n'um vesuvio ;

e ver depois um diluvio
de chammas incandescentes ;
e nos teus olhos ardentes
as fauces d'uma cratera !

Como Plinio não quizera
ver labaredas defronte,
quanto mais saber que o monte
fica em cima de Pompeia...

Tenho cá na minha ideia
que é melhor ver-te ao meu lado,
do que junto do telhado
como a tímida andorinha.

Não estarias sósinha,
tão sósinha como agora,
a ver se uma nova aurora
te leva a luz que te falta.

Olha bem : quem mais se exalta,
diz a biblia, mais se humilha ;
e a luz que tão longe brilha
nunca tão viva apparece.

E diz-me : não te parece
que esta vida sem amores
é como jardim sem flores,
ou como noite sem lua ?

O sol, que no céu fluctua,
ama de longe ? Não ama :
aproxima a sua chamma
do seu pallido luzeiro.

O amor, o amor verdadeiro,
aproxima, prende e enlaça.
Olha para o sol que passa :
como á lua se aproxima !

E tu inda lá por cima,
tão longe d'estes meus braços !
lanço os olhos aos espaços,
e sempre o meu sol a prumo !

(Estou vendo que, se o fumo
que me sóbe da cosinha
chega ás faces da vizinha,
vão-se paixões e belleza ;

e ainda que a natureza,
a formou assim tão bella,
se se conserva á janella,
temos um rosto estupendo).

Estava eu cá dizendo
com os botões da casaca
que me vem buscar a maca
do hospital, se não me acodes.

Eu não sou nenhum Herodes
nem Ferrabraz barbaçudo,
que aterre e afugente tudo
quanto encontre no caminho.

Sou apenas bom vizinho
que te pede a cada instante
que attendas a um peito amante,
e desças lá d'essa altura.

Se não desces, uma jura
faço eu sobre estas *Horas* :
é que me vês qualquer dia
nas alturas onde móras.

Á TARDE

Quando, ao cair do sol, desmaia o dia,
e te beijam as auras do crepusculo,
adormecida em sonhos de poesia,
na mão inclinas tua fronte languida.

Não penses que me escondes tua magua :
sei e traduzo os teus soluços intimos !
—o que te inunda a ti os olhos de agua,
dos olhos me destilla ardentes lagrimas !

E bem o sabes tu ! — sonhar amores,
ver além a visão que nós sonháramos,
e não poder c'roal-a com as flores
que em seios virgens brotam espontaneas !
.....

Um raio morbido do sol poente,
sobredoirando os pinaros do Herminio,
vae oscular-te a face docemente,
vae coroar-te a fronte melancolica !

E não ser eu um pallido reflexo
do sol que expede os seus fulgores ultimos !

eu iria enlaçar-te em doce amplexo
e beber ancioso as tuas lagrimas !

As minhas... nunca mais deslisariam
n'esta fronte lavrada pela magua ;
os ventos nunca mais repetiriam
os ais que rompem de meus labios tremulos !

Mas quer Deus que este amor viva de anelos !
quer Deus que as auras brandas do crepusculo
vão doidejar além nos teus cabellos,
e segredar-te meus saudosos canticos !

Quer Deus que passe um dia e outro dia,
sem que eu possa enxugar as tuas lagrimas !
que, adormecida em sonhos de poesia,
na mão inclines tua fronte languida !

1866.

LUZ PERPETUA

(À MARGEM DO LAZARO DE HENRI HEINE)

Nas orbitas de fogo os olhos revolvendo,
—ó mal, tu és meu bem!— ao mal Satan dizia; ¹
tu dizes, vendo a terra, e o sol que te allumia:
—ó mundo encantador, como tu és horrendo!—

Oiço-te e ouvi Satan; e ainda não comprehendo
se do avernal Satan a rispida ironia
mais punge que o sarcasmo em horas de agonia,
o sarcasmo que vem os labios teus rompendo!

O genio é sempre genio!— aos ultimos instantes
o martyr da materia avista nova edade,
e o genio folga então como folgava d'antes!

Ao pôr do sol da vida, á frouxa claridade
que ao genio mostra o céu, lutam como gigantes
o espirito e a materia, o tempo e a eternidade!

¹ MILTON, *Paradise Lost*.

DE UM LIVRO

.....
.....
Quem és, visão alada, que esvoaças
diante de meus olhos, noite e dia?
Quem és tu que em meus sonhos de poesia
surges radiante, e passas, e repassas?

Quem és, anjo dormente, que cerraste
as palpebras á luz da nossa aurora,
fechando a tua imagem seductora
no triste coração que me levaste?

Se do teu leito a funda escuridade
o meu leito cingiu de magua e trevas,
quem és tu que me acordas e me levas
pelos vergeis da minha soledade?

Se eu te vi caminhar á sepultura,
quem és, ó sombra amiga, que divagas
no meu escuro céu, e que me afagas
quando atroz desalento me tortura?

Visão dos meus delirios, és acaso
o espirito de Deus que sobre as aguas

illumina este mar de pranto e maguas,
onde o sol não tem berço nem occaso?

Tu és o anjo que no meu deserto
afresca os labios de Ismael sedento;
e, dando ao peregrino amparo e alento,
ao longe lhe encaminha o passo incerto!

És o arbusto na escarpa. O caminhante,
de pés trilhados nos pontaes das rochas,
cança e vacilla... aos pés lhe desabrochas,
abraça-te, repoisá, e segue ávante!

És a cruz do meu ermo. A ventania
agita a c'roa que te puz nos braços;
e em tuas plantas abre fundos traços
todo este pranto que em minha alma havia!

És a nuvem doirada do occidente:
extincto o sol que me brilhou na vida,
inda espelhas a flammula querida
que repoisá no céo eternamente!

És o aroma que á tarde se evapora
da balsamina que perdeu a seiva;
escondeu-te a charrua sob a leiva,
e o teu perfme ainda me enamora!

Tu és a pomba da arca, a mensageira
da paz que te acalenta n'outros climas:
dás-me que eu veja, quando te aproximás,
sobre o diluvio o ramo de oliveira...

És a estrella do mar. O mar braveja,
e a noite envolve-me ao fragor das vagas...
Vales-me tu, ó luz que não te apagas,
astro do céu, estrella bemfazeja!

És o canto que passa pelo arbusculo,
és harpa ethérea de invisíveis cordas :
á luz das alvoradas tu me acordas,
embalas-me nas horas do crepusculo!

Anjo, visão, ou pomba estremecida,
nuvem, aroma, cruz, estrella ou canto,
és tudo o que a poesia tem de santo,
és Beatriz, és Laura, és Margarida!

CRENÇAS

Que não amo o passado ! Se acreditas
que lanço a vista além da minha sombra,
acredita que ás vezes eu descanço
a cabeça nas pedras das ruinas ;
e, relendo as legendas que ha escriptas
no cabeçal musgoso, os olhos lanço
aos meandros escuros d'essas minas
que o progresso explorou...

Escuta ainda :

quando o nosso horisonte se escurece,
e que uma nuvem presagía a vinda
de temporal desfeito, escuto a prece
que o seareiro envia a Deus ; e abraço
os martyres que surgem do passado,
trazendo-nos confortos e esperança.

É um cortejo augusto ! Á sua frente
o venerando Socrates avança :
traduz no olhar a aspiração do crente ;
leva comsigo a timida criança
a quem aponta a estrella do futuro !
vem annunciar-nos o cortejo augusto
que a novas crenças ha de erguer altares ;

demora na cicuta os seus olhares,
lança a primeira pedra, e morre o justo !

Vem depós elle o encanecido ancião
que abraça a liberdade agonisante,
e, com ella morrendo, ergue na mão
a espada que arremessa ao carro ovante
dos tyrannos do imperio. Quando olharam
as rodas encravadas do seu carro,
encravava-as a espada de Catão...

Lá surge o grande vulto da Judeia,
o homem que é Deus, e vem salvar o mundo!
no aspecto scismador, no olhar profundo,
deixa reflectir-se a luz da grande ideia
que ha de allumiar com uma nova luz
os tempos que lá vêm. Sólta umas vozes
mais doces do que o amor...; e os seus algozes
prégam o martyr na infamante cruz
como inimigo de seu culto velho.
O martyr ergue a vista á luz futura ;
e, esgotando o seu calix de amargura,
lança ao porvir as folhas do Evangelho !

Após seculos mil de noite escura,
alvorecem os tempos ! A verdade
começa a diffundir-se em luz brilhante ;
e a mísera, a captiva liberdade
algemas despedaça, e marcha ávante !

Percorre todo o mundo, e acha hospedagem
em todo o seio generoso e nobre ;
mas ai do triste que se não encobre
para dar-lhe um abrigo na viagem !

—E crime ver o sol! os phariseus
andam de terra em terra apedrejando
as nove luzes e o piedoso bando
que deixa a noite e segue o novo Deus!

Dois apóstolos — vês? — lá vão caminho
do logar affrontoso do supplicio!
Cinza serão! e o principe da noite
a noite offertará o sacrificio!

Dos venerandos martyres á beira,
symbolo do martyrio, ergue-se a cruz;
e entôrno á cruz as linguas da fogueira
levam a Deus a queixa derradeira
dos que se dizem Praga e João Hus!

Não te cances de ler commigo as paginas
d'este martyrologio do passado!
Hoje que ha vida, hoje que o sol é nado,
apraz-nos contar bem os estadios
que nos separam d'esses véos sombrios
que nos velavam lucido eldorado!

Hoje que é feita em pó a mão de ferro
que suffocou a voz de Galileu;
hoje que o derradeiro phariseu
calou a voz que defendia o erro;
hoje que o mundo e os mundos giram livres,
surdos á rouca voz do monge ignaro:
penso no que já foi; e absorto paro
a contemplar as lutas e os trabalhos
dos que andaram, valentes mas sósinhos,
esmoitando sarçais, e abrindo atalhos
que são já hoje amplificos caminhos!

Que não amo o passado! Pois não vês
como piedoso e reverente o espirito
se me vae hoje prosternar aos pés
d'essas imagens que transmuntam seculos!

Pois Galileu e Hus e Christo e Socrates
não foram do passado? Imagens santas
erguidas sobre o altar da liberdade,
vós ensinaes a quem vos beija as plantas
o caminho da luz e da verdade!

N. H.

Dizem que os sceptros e as c'roas
já para nós não têm brilhos;
e que o throno dos tyrannos
não será mansenilheira
ao berço de nossos filhos !

Mentira ! passam os annos,
e sempre a tua realeza
me faz dobrar o joelho :
tens a c'roa da belleza
que é o traiçoeiro espelho
dos teus segredos mais intimos !

O teu sceptro não é de oiro,
pois das mãos nevadas pende
aquella varinha magica
que tão de prompto nos rende,
que tantos vassallos faz !

O throno... throno condigno,
não sei onde o encontrarás !
Não bastam thronos doirados,
nem purpuras, nem brocados
para tão alta rainha ;

nem a mente me adivinha
qual o throno que te apraz !

Penso ás vezes que uma gondola
sobre os mares de Veneza
seria um throno brilhante
para essa tua realeza !

Imagina-te um instante
embalada sobre as vagas,
dominando o céo e o mar,
e a teus pés o menestrel
seus cantos a modilhar.

.....

Não ! Talvez que em ermo bosque
fresco, verde e bem copado,
paragem mais grata houvesse
para um throno sublimado !

Vê lá : ao pé d'um riacho
verdeja a alfombra e parece
que pode estar por debaixo
dos teus chapins, qual tapete
que a mão de Deus estendeu
para base de algum throno
que bem pode ser o teu.

Que bello um throno de mirtos !
Dos lados a trepadeira,
por cima a copa da faia,
alli ao perto a ribeira,
ao longe o sol que desmaia !

A teus pés os teus captivos,
felizes na escravidão,
e tu, por capricho, a abrir-lhes
feridas no coração,
e ostentando o teu diadema
das longas, formosas tranças,
ao murmurio das tranças
que do throno são docel!

No meio d'essa ventura
haviás pensar um dia
no teu pobre menestrel,
que só em ti pensaria!

Mas emfim... tu, que és rainha,
dize o throno que preferes,
e se nos ermos o queres
ou na solidão dos mares;
que eu juro por vida minha,
e até pelos deuses lares,
cercar de rosas e cantos
o throno que levantares.

E, quando eu te vir sentada,
sobraçando os regios mantos,
consente que os labios calem
o que diz o coração,
e que eu, dobrando o joelho,
vá beijar-te a regia mão!

E depois eu, que me curvo
escravo da tua lei,
os olhos erguendo apenas
ajoelhado te direi:

— Senhora ! se podes tanto
e nenhum thesouro falta
a magestade tão alta,
attende o pobre que passa !
e tão pobre que não tem
aonde recline a fronte,
senão nas urzes do monte
ou nos lagedos da praça !

Escuta ! pedir não venho
pedrarias... Nada tenho,
mas peço só uma graça.
Peço essa luz que eu diviso
nas trevas do meu penar :
peço a graça d'um sorriso,
a graça d'um teu olhar ! —

GRATIDÃO

— HYMNO

OFFERECIDO A UMA MESTRA PELAS SUAS EDUCANDAS

NO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

(MUSICA DE HERNANI BRAGA)

São ditosas as florinhas,
quando uma cuidosa mão
as livra de hervas damninhas,
e as abriga do suão !

Nós somos as tuas flôres,
que medram junto de ti ;
estremecidos amores
a que o teu amor sorri !

Se tanto assim te desvelas
do teu jardim na cultura,
acceita a homenagem pura
das tuas flôres singelas !

Flôres ! mas da vida foge
a primavera louçan,
e a loira criança de hoje
será mulher amanhã !

Então, se alguma criança
a nós se chegar tambem,
hemos legar-lhe a esperança
que tu nos legaste, Mãe !

És o penhor mais seguro
dos frutos que brotarão,
quando vingar no futuro
a semente da instrucção !

Porque vem, após a aurora,
do sol o vivo fulgor ;
porque a planta que se inflora
não ha de ficar em flôr !

No teu legado se encobre
a esperança do porvir !
e não ficará mais pobre
aquelle que o repartir !

E os thesouros, que, tão santos,
nos vieste confiar,
outras bençãos e outros cantos
t'os virão remunerar !

Desvelada jardineira
do teu singelo jardim,
fosse a nossa vida inteira
passada em cantos assim !

Jamais romperia aurora
mais clara que o nosso abril !
ao menos hoje, Senhora,
logar ao canto infantil !

1870.

VERSOS A BRANCA

(MEMORIAS A MANUEL SARDENHA)

Quando ao sol-posto scismo
nas palmeiras que a infancia me abrigavam,
podes dizer que os olhos se me cravam
no fundo d'um abysmo !

Que abysmo, Branca ! Se algum dia fores
reclinar-te ao cairel do abysmo fundo,
tu saberás que o mundo
nem quando chora sabe o que são dores !

Quando me vejo a sós, não sei que penso !
E como se eu dormisse o somno brando
da criança que embalas nos teus braços
de encontro ao coração !
Como um sagrado incenso
esta alma em sonhos ás alturas mando,
e paira dos espaços
na etherea vastidão !

Tenho sonhado muito ! Se souberas
os pesadelos meus de cada somno,
contemplarias um sombrio outono
em vez de sorridentes primaveras !

.....

E vieste acordar-me do meu extase,
quando a sombra do monte
já vestia de crepes a cidade,
e nas orlas doiradas do horisonte
se esvaecia do sol a claridade.

Curvada no meu hombro, o teu carinho
devassava os meus intimos segredos ;
por me beijar a fronte
erguias nos teus dedos
o cabello que trago em desalinho ;
e languida roçando a face pura
no meu sombrio rosto,
dizias n'um suspiro
mais doce do que a aragem do sol-posto :

— Tão moço, e tão curvado ao desalento !
Porque não varre o vento
essas nuvens que obumbram o teu céu,
onde não brilha a luz d'um arrebol ?
Doe-me a tua saudade ! e podesse eu
ser lua, estrella ou sol !...
Se a aurora orvalha a folha resequida,
podesse ao menos este beijo meu
resuscitar-te á vida,
como o orvalho levanta a flôr pendida ! —

Escuta, Branca ! — A lua deu-te o jaspe
do teu seio, e da face que seduz ;
as estrellas e o sol deram-te a luz
que esplendida scintilla
nos crystaes da pupilla !
A aurora te arrocia
os labios que distillam mel e aromas ;

leva-te anceios ás nevadas pomas,
 enche-te o céu de luz e de harmonia !

Queres ainda mais ? queres á luz
 resuscitar o Lazaro sem vida ?
 tens de arrastar esta pesada cruz
 que no calvario meu negreja erguida !

Que pensas tu de mim ? Pensas acaso
 achar prazer no amor que despertares ?

Este meu peito é vaso
 em que as taças amargas do bordel,
 e os osculos febris dos lupanares
 lançaram uma gota do seu fel !

Hoje, vanmente agito
 a extincta chamma d'um amor celeste :
 envenenou-me o sangue estranha peste,
 levo na fronte o estygma de maldito !

Se largo um beijo em face côr de neve,
 o sangue irrompe d'essa pura face ;
 se alguém me dá que um peito ingenuo abraçe,
 não ha hi fonte que esta sêde abrañde !

Retrahe o passo, Branca ! ainda é tempo !

Olha : este mundo é grande !
 Se queres aspirar os mil perfumes
 dos gozos infantis ;
 deixa-me tu na minha soledade,
 vinga os altos acumes,
 transpõe os alcantis,
 e procura um jardim que ao céu agrade,

onde, á sombra de verdes laranjaes,
possas dormir teus somnos virginaes !

Vae teu caminho, Branca ! Á luz da aurora,
desentranha-se a vida em luz e amores !
respiras hoje um arrebol de flôres,
e eu sou o vento que os vergeis descora !

1869.

PROGNOSTICO

Eu não tiro das estrellas
juizos nem profecia ;
porém, has de crer agora
que tenho uma astronomia.

Não para dizer ás turbas
que tempo ha de vir ao certo ;
se a dita nos bate á porta,
se a fome está longe ou perto ;

não para falar da chuva
que ha de cair sobre a herdade,
nem dos ventos que hão de erguer-se
nas asas da tempestade ;

não para dizer aos principes
a fortuna que os espera,
segundo os signaes que leio
nos astros da azul esfera !

Dos teus olhos é que nasce
a fonte desta sciencia :
são duas estrellas fixas,
dão-me a luz da providencia !

Se pouparees ao teu brilho
alguma nuvem sombria,
a sciencia que te devo
crescerá de dia em dia.

Se não... prognóstico ao mundo
que tudo o que em ti seduz
irá caminho das trevas
que te levarem a luz...

(De Shakespeare)

1868.

A EMILIA ADELAIDE

Abraça a gloria que te estende os braços !
o anjo da luz que para ti revôa !
entrança ainda na gentil corôa
novos florões que vem tomar-te os passos !

Se a turba anciosa a tua voz pre-sente,
e se no palco entre ovações te vejo,
és Galatêa que desperta ao beijo
que estranho genio te imprimiu na frente !

A um tempo altiva dominando as almas
e doce e humilde enternecendo o gesto,
— no rosto alegre, no semblante mesto,
fazem-te sombra viridentes palmas !

Quando os laureis de divinal artista
garbosa ostentas ; quando a voz levantas,
vamos lançar ás tuas leves plantas
novos laureis que a tua voz conquista !

Desponta a aurora ? o sol rebeija as flores ?
prendes no olhar e no sorriso puro !
Repassa a nuvem no horisonte escuro ?
és Julieta a suspirar de amores !

Canta e suspira ! que entre o choro e os cantos
o amor da gloria c'rôas mil procura :
— não sei de amor que não sonhou ventura !
não sei de amor que não destille prantos !

1869.

EXTASE

(N'UM LIVRO DE GUIOMAR TORREZÃO)

Vejo-a ao meu lado! — Quando inclino a fronte
aos devaneios d'um sonhar febril,
surge formosa, como o sol de abril
que beija o valle e sobredoira o monte!

Quando esta vista que essa luz cançou
se eleva aos astros procurando-a a ella,
nos raios vívidos de cada estrella
acho os vestigios que essa luz deixou!

Aspirações que tão acima erguera,
crenças tão fundas que ella em mim nutriu,
fugiram como de manhã fugiu
a branca nuvem da azulada esfera!

Passai, ó nuvens que velais o céu,
que me ensombrais a minha luz querida!
que eu possa ainda resurgir á vida!
que o vento leve o tenebroso véo...

Baldado aneio!... — a minha luz caminha
longe dos olhos, que não têm farol!
e á luz, que ha pouco me era estrella e sol,
só nos meus sonhos eu direi — és minha!

Minha não és! mas aos ouvidos teus
leva estas falas o ligeiro vento,
leva-as da flor o perfumado alento,
leva-as o canto que remonta aos céos!

1869.

VOZES DO ERMO

IMPRESSÕES D'UMA BALLADA DE URLAND

(Die verlorene Birche)

A voz do sino lendario
ouve-se além na floresta,
alegre cortando os ares
como n'um dia de festa.

E conta a gente do povo
que é num ermo o sino e a igreja,
e que em torno ao campanario
a madre-silva floreja !

Mas ninguem sabe o caminho
que leva ao templo deserto ;
só a voz do sino pode
guiar o viandante incerto.

Algum dia os peregrinos
percorriam ampla estrada
para a igreja que no ermo
está só, abandonada.

Hoje o musgo a estrada cobre ;
e o devoto peregrino
já não acha quem lhe diga
donde vem a voz do sino.

Embrenhei-me na floresta
onde a igreja se levanta :
pude crer que a voz do sino
me guiaria á igreja santa !

Destrinçei cruzados ramos,
salvei rochas e fraguados ;
viram-me os leões famintos,
e os leões ficaram quedos.

E a voz do sino lendario
mais e mais se aproximava ;
e eu, com a fé mais accesa,
mais resolutio marchava.

Tanto andei pela floresta,
que num sitio solitario
avistei por sôbre as nuvens
as grimpas do campanario.

Ceguei. As vozes do ermo
o sino ainda as soltava,
não porque alguém o movesse,
mas porque o vento o agitava !

Lembraram-me as alegrias
da minha aldeia garrida,
quando em pequeno voava
ás festas da minha ermida.

A igreja estava patente,
porém as naves desertas ;
e sobre o altar esquecidas
algumas pobres offertas.

Entrei. O sol do poente,
coado por uma grade,
circumdava cada imagem
duma santa claridade.

Quedei absorto. Os joelhos
curvaram-se-me espontaneos,
e collaram-se das aras
aos gelados supedaneos !

Badalava ainda o sino
sobre o alto campanario,
e uma luz de brilho estranho
inundava o santuario !

E ouvi musicas aéreas
da mais sublime harmonia ;
era psalterio encoberto
que a mão de Deus desferia !

Não se imagina a doçura
dos sons que me extasiaram,
nem os magos esplendores
que o templo todo banharam !

Se de tal brilho e harmonia
no mundo alguém se enamora ;
se nas trevas o viandante
suspira esta aurora :

não oiça o rumor das praças
em que o mal e o crime habita ;
escute o sino do ermo
que o vento da selva agita ;

e após as longiquas vozes
dirigindo o passo incerto,
procure o ermo, e no ermo
o altar do templo deserto !

ESTRELLAS

(RESPOSTA A MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE)

E haver ainda quem mande
contemplar os esplendores
das estrellas que alta noite
nos vem segredar amores !

Por mais que no céo rebrilhem,
por mais que me cance a vel-as,
não creio, por vida minha,
nos amores das estrellas !

Sabes porque ? O poeta,
a olhal-as, fica-se triste ;
mas estrellas que entristeçam,
nunca em vida tu as viste !

Riem-se e brincam vaidosas
naquelles azues estrados,
ao gemer da aura que leva
da terra uns ais maguados.

E pensa a gente que os raios
das estrellas nos abraçam ;
mas ellas surgem, esplendem,
brincam, sorriem e passam !

Às vezes fazem saudade,
quando as nuvens da procella
se levantam, escondendo
a face de cada estrella.

Mas se rasgasses as nuvens
que as velaram, ¿ acreditas
que as achavas todas tristes
nessas zonas infinitas ?

Nunca ! — Surprehendel-as-ias
trocando frouços de riso,
anjos maus tripudiando
às portas do paraizo !

Serão formosas, concedo ;
mas são ingratas, não sentem :
se a luz d'ellas nos inunda,
se falam de amores... mentem !

E tu que mentir não sabes,
(não se mente a quem se estima !)
e tu, que brilhas na terra,
mandas-me olhar para cima !

Não me apontes as estrellas
que brilham nos céos serenos :
talvez que estrellas da terra
brilhem mais e mintam menos...

O BERÇO

Como ella se remira, a desvelada mãe,
no fulgido crystal duns olhos de creança,
crystal em que se espelha o astro da esperança,
crystal em que o porvir se vae mirar tambem !

Pomba de santo amor, que abriste as asas tuas
para abrigar infante o homem do porvir,
e que, ao desabrochar dum maternal sorrir,
fazes, com teu amor, uma alma só, de duas :

desse thesouro santo ergue a avarenta mão,
e deixa vêr um bem que tanto se enthesoura;
se é como o sol preciosa uma cabeça loura,
o sol, todos o vêem dos céos na vastidão !

Criança ! fosses tu a lingua do futuro !
e, desse mesmo leito erguendo a tua voz,
podesses nova luz mostrar a todos nós,
e os olhos mergulhar pelo horisonte escuro !

Veriamos o céu que um dia se abrirá
ao fim do teu caminho, e que hoje mal se avista !
seria bello erguer os olhos á conquista
da promettida luz que nós sonhamos já !

Se se vão abalando os velhos pardieiros
 onde as aves da noite abrigo iam buscar,
 se já se alicerçou da liberdade o altar,
 e escorre inda o suor de apóstolos e obreiros ;

se o derradeiro alento, o derradeiro ai
 dum passado que morre é quasi esmorecido ,
 se o mal cedeu ao bem, e recuou vencido ;
 se a noite cede á luz, e o sol surgindo vae :

ainda a voz do amor não abateu o braço
 que a sombra do passado estende sobre nós ;
 ainda recostado ao tumulto de avós
 alguém vae maldizer o sol que rompe o espaço !

inda o fellah e o guebro, erguendo a vista ao céu,
 suspiram por que chegue a aurora que os redima ;
 e os Cresos desta idade ainda estão acima
 do pária sem irmãos e que entre irmãos nasceu !

Oh! mas virá um dia em que o maná do povo,
 caindo, será dado a todos por egual ;
 ver-se-ha, unindo o mundo, amplexo fraternal,
 e, sobre um velho culto, erguido um culto novo !

E tu, loura criança, has de viver talvez
 na terra de que falla a voz das prophecias ;
 em nova Canaan, tu passarás os dias,
 e eu morro, vendo além o sonho de Moisés !...

Vejo a abundante messe a lourejar ondeante,
 e Ruth erguendo o trigo e semeando a paz ;
 vejo a mentira e o mal fugir, voltando atrás ;
 vejo a verdade e o bem erguer-se, andar ávante !

Oh sonho venturoso, esplendido ideal!
embala-me a existencia! e, se és uma mentira,
não queiras apagar a crença em quem suspira
por esse novo sol d'um eden perennal!

Mas não! a noite passa! e o astro precursor
de lucida manhã não é mentida imagem,
não é subtil visão, nem é fallaz miragem,
mas o nuncio fiel da paz, da luz, do amor!

Levanta-te, criança! a estrella d'alva agora
convida-te a marchar! Descerra-me o porvir!
quero, ao rasgar-se o véu, por sobre mim sentir
os fulgidos clarões d'essa brilhante aurora!

Vae! o caminho abriu-se! os passos teus conduz
a estrella que assomou além sobre a montanha!
Vae, pois, criança, vae! chama-te voz estranha,
a voz que Deus soltou, quando se fez a luz!

1870.

INDICE

	Pag.
Introdução.....	7
Dedicatória.....	9
Harpa nocturna.....	13
Velut umbra.....	17
A alguém.....	19
Alvorada.....	21
Corôa de Cecens.....	23
A Hespanha livre.....	25
Devaneiro.....	29
A Dolores.....	31
A Lamartine.....	33
De branco.....	35
Memorias.....	39
Manuelita.....	43
Deus não dorme.....	45
Amores da aldeia.....	47
Dolorida.....	53
Egeu.....	55
O montanhez no exilio.....	57
Carpe diem.....	59
Junto a um berço.....	63
Esparsa.....	67
Revelações.....	69

	Pag.
Avé libertas.....	75
Confidencias.....	79
Margarida.....	81
Miragem.....	83
A insulana.....	85
Notas perdidas.....	89
A uma creança.....	91
N'um album.....	93
Aquella pequena.....	95
Luz e flores.....	97
Avé, stella!.....	99
Tres véos.....	101
Vedere napoli.....	103
Ruinas.....	105
Apparição.....	109
Pedro iv.....	111
Rimas.....	115
À tarde.....	121
Luz perpetua.....	123
De um livro.....	125
Crenças.....	129
N. H.....	133
Gratidão.....	137
Versos a Branca.....	139
Prognostico.....	143
A Emilia Adelaide.....	145
Extase.....	147
Vozes do ermo.....	149
Estrellas.....	153
O berço.....	155

p. 160.

134

BRINDE AOS SENHORES ASSIGNANTES

DO

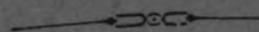
DIARIO DE NOTICIAS

PARIETARIAS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

SEXTO BRINDE



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1871

O DIARIO DE NOTICIAS é actualmente a folha mais barata, de maior circulação. Fundada em 27 de dezembro de 1864, conta hoje seis annos completos de existencia. Tem numerosos leitores e assinantes em todas as terras do reino, ilhas e provincias ultramarinas e em muitas capitães da Europa. Bascado n'um programma, que é sancionado pelas sympathias publicas, e que isenta suas columnas de pugnas repugnantes e odiosas, dotado de indole popular e benéfica, acata as leis e os poderes constituídos, mas respeita todas as opiniões e todas as crenças, buscando, a despeito de sua feição permanentemente noticiosa, prestar culto á liberdade na sua mais elevada expressão, ao progresso, á moral e á religião. As suas columnas tem sido illustradas com a collaboração dos homens notáveis nas letras. Todos os annos distribue aos seus assignantes, como brinde litterario e em signal de gratidão pela alta protecção que lhe é dispensada, um livro expressamente composto e impresso para este fim. Os que a hoje se tem distribuido são seis, e conteem o seguinte:

PRIMEIRO BRINDE

INTRODUÇÃO, por Silva Tullio; **Santa Catharina de Ba-Mar**, por J. M. de Andrade Ferreira; **Pero Esteves**, por Eduardo Coelho; **Agonias Obscuras**, por M. Pinheiro Chagas.

SEGUNDO BRINDE

Canções da tarde, volume de poesias, por Bulhão Pato.

TERCEIRO BRINDE

O Arraial, por Julio Cesar Machado; **O Retrato da Igreja**, por E. A. Vidal; **O parente de cincoenta monedas**, por Camillo Castello Branco; **O Amor de um operario**, por Ernesto Marecos; **O Casal da Encosta**, por Bulhão Pato; **As Columnas da rua Nova**, por Eduardo Coelho.

QUARTO BRINDE

A feiticelra de Smolensko, por Pinheiro Chagas; **noite de Santo Antonio**, por J. M. de Andrade Ferreira; **O Galhardo**, por Julio Cesar Machado; **O casamento de Manuel Torquato**, por Ernesto Marecos; **Sinos ao Luar**, por Eugenio de Castilho.

QUINTO BRINDE

O Conde de Castello Melhor, João Rodrigues Vasconcellos, narrativa tirada da historia da restauração de Portugal, por A. A. Teixeira de Vasconcellos; **O Recrutamento**, por Julio Cesar Machado; **Justiça de El-Rei**, por A. Oliveira Pires.

O sexto é o presente volume. O preço da assignatura do jornal o seguinte:

LISBOA...	{ Por mez	240 réis
	{ 3 mezes	700 "
PROVINCIAS, tres mezes		1,3075 "

Cada linha de annuncios, com a publicidade de 22:800 exemplares custa 20 réis.

